



## Documentário de rara sutileza

Rodrigo Godoy Fonseca

Texto publicado no Jornal do Brasil de 27 de junho de 2006

Moacir – Arte Bruta é um exercício de generosidade do olhar. Walter Carvalho nos conduz ao longo de sua narrativa com recursos de rara sutileza, sem nunca enveredar pela facilidade da explicação, do esclarecimento, nem da cristalização de sentido. Olhar rigoroso, e rigoroso desde o princípio.

Moacir é criador de Arte Bruta. Com maiúsculas, pois se trata aí de um conceito, formulado pelo artista plástico Jean Dubuffet há cerca de 60 anos. Dubuffet dedicou grande parte de sua vida ao garimpo de criações emanadas de artistas vivendo à margem da cultura estabelecida: desvalidos, iletrados, internos de hospitais psiquiátricos. Arte Bruta, sem lapidação, sem o molde e o verniz da produção cultural.

A atividade de Moacir não é mostrada como “curiosidade”, tampouco Moacir nos aparece como “o bom artista-selvagem”. Moacir tem dificuldades que saltam aos olhos: pobre, analfabeto, deformado, invadido por uma atividade alucinatória. Nossa atenção, porém, é desviada do questionamento diagnóstico: esquizofrênico? Oligofrênico? Nada disso. O que está aí acentuado é o frenos, o espírito, a alma.

O descobrimento de Moacir, que a lente de Walter descreve, se dá em dois tempos, separados por cerca de 15 anos. Do primeiro encontro, fortuito, literalmente à beira do caminho do cineasta, restará o desejo de voltar para transformá-lo em linguagem cinematográfica, e uma série de fotografias, retratos de Moacir e de sua família, que servirão justamente como mote para que o trabalho que hoje vemos tenha lugar.

Neste intervalo, a criação artística de Moacir permitirá o estabelecimento progressivo de um colóquio entre seu mundo interno e o ambiente que o cerca. Moacir trabalha, e muito, incessantemente, e os tormentos de sua existência parecem por vezes apaziguados. A simples visão dos temas de seus trabalhos recém-criados nos livra, no entanto, deste equívoco. Há ali tensão, luta, expressão de oposições e de perigos, do inusitado e do inefável. Moacir, entretanto, estabelece, criando um lugar de existência, de inscrição no mundo.

A sequencia final nos mostra Moacir numa clara relação de confiança e cumplicidade com Walter, afirmando, a respeito de sua obra: “Não dá para explicar, é pensamento, o pensamento vem de longe.”

Walter Carvalho dedica seu filme a Leon Hirzman, responsável, em associação com Nise da Silveira, pelos preciosos documentários Imagens do inconsciente. Ao fazê-lo, e por tudo que pôde ser dito aqui, inscreve-se numa linhagem, e produz neste encontro de dois artistas um magnífico documento do humano.

### contato

telefone (21) 3268-3818

email [contato@abordagemclinica.com.br](mailto:contato@abordagemclinica.com.br)

site [www.abordagemclinica.com.br](http://www.abordagemclinica.com.br)